

2018/10/03

Trumpismo e a nova desordem mundial

José Neto Simões¹

1. Introdução

A nossa época anda em busca insistente – crescentemente desesperada – de um conceito de ordem internacional ou mundial (OM)². O começo deste século pareceu estar encaminhado para a globalização como ideologia de uma nova OM.



A par de uma interdependência sem precedentes, é o caos que espreita: na proliferação de armas maciças, na desintegração de nações e fragmentação da UE, impacto da degradação ambiental, na persistência de práticas de genocídio e na expansão e aceleração das novas tecnologias que ameaçam o incremento da conflitualidade para lá da compreensão humana. Novos métodos de acesso ou transmissão de informação unem regiões distantes e tornam os acontecimentos numa projecção global de tal forma que inibe a reflexão e reclama dos dirigentes políticos o imediatismo e reacções anacrónicas em função das redes sociais que funcionam como forte factor de instabilidade da acção política e condução estratégica, como se tem verificado na administração de Donald Trump.

Pode considerar-se a OM como um conjunto de normas, valores, leis e instituições que os Estados dominantes criaram para regular o funcionamento entre os diferentes Estados com punições para infractores e benefícios para os cumpridores. A OM é criada pelos vencedores das guerras totais e os EUA a seguir à II Grande Guerra Mundial – foram os grandes vencedores – criaram uma parte da OM, excepto a ordem que era soviética.

Ordem que abrangia grande parte do mundo, aberta, plural, multilateral é constituída por instituições universalistas – tipo ONU - e alianças permanentes como a NATO e organizações regionais como a União Europeia (UE). E durante muito tempo esta OM com o fim da Guerra Fria e a subjacente vitória dos EUA foi alargada à escala mundial. Isto acentuou um consenso bipartidário entre republicanos e democratas não só sobre os benefícios desta OM para os EUA e para o mundo, mas também para os EUA pagarem um preço da sua presença militar ao nível global, que durou cerca de 70 anos sem ninguém por em causa apesar dos conflitos regionais.

¹ O autor não segue o Acordo Ortográfico.

² O conceito de OM refere-se ao equilíbrio internacional de poder, envolvendo as grandes potências, com suas áreas de influência, e disputas comerciais, políticas, diplomáticas e culturais entre os Estados ou países (Wikipédia).

Neste contexto, houve períodos de retracção estratégica, depois das guerras da Coreia, Vietname, Iraque e Afeganistão. Mas ninguém pôs em causa o consenso bipartidário americano para que fosse mantida a OM.

A geopolítica, geoestratégia e geoeconomia e o posicionamento dos Estados na regulamentação do poder com constantes mutações deram origem ao que se tem designado por uma nova OM a que corresponde um novo posicionamento Estadual, regional e mundial dos actores internacionais.

2. Guerra improvável e paz impossível

O colapso da União Soviética e a sequência de acontecimentos decorrentes marcaram uma ruptura na história. Mas neste século o possível mundo novo está ainda por compreender. Um mundo também imprevisível complexo, tirânico e conflituoso pleno de ganância – “globalização da indiferença”³ – e irracionalidade. Todos os seres humanos merecem igual dignidade. Resta-nos a esperança na geração futura.

O ser humano não sendo capaz de transformar a sociedade substitui os valores pela tecnologia. Sabemos o preço de tudo, mas não conhecemos o valor de nada. Estamos em plena crise de valores, com uma nova crise económica e financeira que se vislumbra no horizonte de 2020 e uma grave crise de segurança pela subversão das funções do Estado. Com os Estados a atravessarem graves crises de identidade nacional numa UE sem rumo.

No período da Guerra Fria, “*A guerra era improvável e a paz impossível*” (Raymond Aron). E a construção da UE tornou realidade a paz durante décadas. Todavia, as coincidências assustadoras das circunstâncias, que antecederam as anteriores Guerras Mundiais, deviam ser motivo de inquietação dos líderes mundiais. A “*Paz quente*” de maior instabilidade conduz à irrupção de irracionalidade, quando se cometem erros de avaliação.

A nova OM anunciada pelo fim da Guerra Fria parece agonizante face a uma emergente desordem mundial em que proliferam as guerras de procuração e as guerras híbridas, cuja escalada poderá trazer uma guerra devastadora.

Vivemos hoje numa época em que a globalização desregulada tem vindo a provocar aumento de conflitualidade num sistema internacional em transição onde se antecipam alterações nos alinhamentos e equilíbrios geopolíticos e no ambiente de segurança com crescente instabilidade. E permite ainda uma maior projecção das novas ameaças difusas e transnacionais que afectam a Segurança Nacional.

A volatilidade dos mercados financeiros, a guerra de divisas e a insegurança e incertezas globais constituem uma possibilidade de uma crise financeira se poder alargar por contágio. Existindo o perigo da sua conjugação com uma grave crise ecológica e a incapacidade de lhes fazer frente. As questões económico-financeiras assumem cada vez mais um determinismo que desvia a atenção dos temas a nível nacional.

A visão de Trump é soberanista, tendo em conta os documentos e diversos discursos em que não é aceite nada acima deles nem limitações à sua liberdade de acção no exterior. Esta posição é equivalente – no nível externo – ao nacionalismo na ordem interna.

³ Designação proferida pelo Papa Francisco quando esteve na ilha de Lampedusa, em Itália, uma porta de entrada para imigrantes ilegais na Europa. Na arriscada travessia pelo mar, em frágeis embarcações, muitos morrem em busca do sonho de viver numa pátria por eles considerada melhor.

Havia um consenso narrativo no qual a política externa era baseada em interesses e valores que acabou e deu agora lugar ao interesse nacional ideológico baseado apenas no poder para a defesa dos interesses nacionais dos EUA. Além do mais também é uma ordem da normalidade anárquica. Ou seja, os EUA deixam de exercer a função ordenadora – no único país com capacidade para exercer essa função – e não há ainda nenhuma potência capaz de o fazer. E ainda é uma OM proteccionista anti-globalização, pois Trump é um grande crítico dos acordos de comércio livre, tendo recentemente aberto uma guerra comercial – introdução de tarifas - com os principais blocos económicos.

É também uma ordem anti-multilateralista, pois Trump privilegia as relações bilaterais procurando esvaziar a capacidade das instituições multilaterais. Talvez por isso tenha hostilizado a ONU, NATO e UE, chegando a considerar esta a principal inimiga havendo sinais da sua intenção de provocar a fragmentação da UE, cujo objectivo também é partilhado pela Rússia. E, por último estamos perante uma nova OM, que prefere uma coligação de vontades – a missão faz a coligação mesmo que implique alianças de geometria variável -, em vez de alianças permanentes como a NATO em que a coligação está preparada para diversas missões.

O grande paradoxo é que a economia e a política do mundo avançam por caminhos opostos: enquanto a primeira é global há décadas, a segunda retrocede para o tribalismo. O mundo está a converter-se num tabuleiro de grande complexidade e o jogo das relações internacionais remete ao equilíbrio de poderes do século XIX e princípios do XX que resultou na Primeira Guerra Mundial.

3. Estratégia e relações internacionais

As recentes evoluções no quadro das Relações Internacionais configuram todo um quadro de situações que nos parece fazer caminhar o mundo no sentido de uma maior multi-polaridade. De entre os vários factos que tem marcado a evolução das Relações Internacionais destacam-se: (i) a emergência de novas potências, principalmente de cariz económico, onde se destaca a China, mas também a Índia e os chamados “tigres asiáticos”; (ii) a continua tentativa de afirmação de uma certa hegemonia americana; (iii) os eternos avanços, recuos e indecisões do processo de construção europeia, que caminha para a fragmentação; (iv) existências de um sem número de conflitos, maioritariamente guerras civis, como por exemplo, os conflitos que deflagram na América do Sul, África e no sudeste asiático.

Os países europeus e os EUA temem as consequências da desagregação política e do proteccionismo comercial e afirma-se que o futuro está a ser inventado na Ásia-Pacífico. Em relação ao eixo China-EUA, do ponto de vista de Pequim são os anos mais promissores. Xi Jinping vê no poder económico, comercial e militar a oportunidade de a China ser a potência dominante no Pacífico Ocidental. Com capacidade de poder projectar aero-naval, Pequim poderá criar, a prazo, uma esfera de influência regional e obrigar Washington e aliados a negociar novas regras para a gestão da OM.

Neste âmbito, o crescimento da China e Índia surgem como um dos temas que mais debate tem suscitado. O Império do Meio, como é conhecida a China, registou, nas duas ultimas décadas um crescimento económico sem paralelo que o lançou, ao longo desse mesmo período, para um conjunto de novos desafios, como a reestruturação da economia, a construção de uma política externa cada vez mais alargada com a profusão e desenvolvimento de relações bilaterais e multilaterais, estas ultimas no quadro das Organizações Internacionais, como ONU e Organização Mundial do

Comércio (OMC), entre outras, a uma maior responsabilização como potência regional e, nos últimos anos como potência global (principalmente, na vertente económica). De outra forma, as relações entre a China e a Rússia (G-2) e convergência de novos alinhamentos e áreas de influência – e o que vai acontecer em termos energéticos na China – estão a caminho de criar um novo eixo estratégico capaz de influenciar a alteração da nova OM.

As relações dos EUA com a Rússia e com a Alemanha serão, nos próximos anos, um “factor de distanciamento ou tensão entre alemães e americanos” (Friedman)⁴, que vão afectar a UE. É inquietante a perspectiva das potências dominantes que tendem a minar a relação de forças dos equilíbrios regionais em nome do equilíbrio de poderes

A UE sem liderança tem sido conduzida pelos interesses divergentes da Alemanha e EUA com mútua contenção. A nova parceria estratégica da Rússia com a China e, dentro de algum tempo, o dinâmico eixo Berlim-Moscovo contraria a ambição dos EUA de isolamento da Rússia. A provável aliança entre a Rússia – potência que controla os recursos – e a Alemanha com capacidade económica e tecnológica, pode vir a constituir uma ameaça ao equilíbrio de forças na Eurásia.

Às iniciativas estratégicas da UE/NATO o Império do meio tem respondido com uma ampla cooperação bilateral com a Rússia para neutralizar a penetração dos americanos e incrementar a segurança na região eurasiática. À UE caberá a opção ou de se tornar irrelevante ou de se afirmar como um modelo civilizacional, económico e de sociedade, podendo afirmar-se na geopolítica das múltiplas relações de forças que se poderão vir a desenhar no âmbito de uma ordem mundial multipolar, marcada por uma geometria de poderes variável.

Assim, a conexão entre a Estratégia e Relações Internacionais – não no aspecto teórico –, numa perspectiva prática identificam elementos de aproximação e dissociação entre os contendores internacionais, as suas vulnerabilidades, fragilidades e pontos de desenvolvimento positivo interno são questões que devem ser aprofundadas com seriedade pelo impacto que têm nos aspectos securitários das nossas sociedades.

4. Trump e a política externa

Trump está a desconfigurar a ordem global. Só unida a UE pode ser influente na definição duma nova ordem, baseada nos princípios do humanismo, da dignidade, da tolerância e da cooperação entre os povos. A nova era pós Trump, está a promover uma revolução política – sem ideologia definida que tende para a autocracia – com impacto na alteração da OM.

Com o novo presidente foi encerrado um novo ciclo da democracia liberal. O seu discurso e acção têm evidenciado o nacionalismo exacerbado (revelando profundo desprezo pelos imigrantes)⁵ e o perigoso populismo – não ideológico, mas oportunista

⁴ FRIEDMAN, George- Cientista americano e político nascido na Hungria; autor de diversos livros, como “Os próximos 100 anos”, “Próxima década”, “Guerra Secreta da América”. Fundador da empresa STRATFOR (*Intelligence*).

⁵ Apesar de negar sua descendência alemã Donald Trump é descendente de imigrantes alemães ilegais, que os EUA os souberam acolher. Além disso o grupo Ku Klux Klan (KKK) apoiou declaradamente a candidatura de Trump, que recusou condenar esse grupo em entrevista à CNN, havendo ligações ao antigo líder do KKK David Duke (“Huffngton Post”).

-, que subverte a política e instituições com base nas disputas etno-raciais⁶. Este quadro indirectamente vai afectar ou distorcer a globalização, que necessita de ser civilizada.

O isolacionismo aliado ao aumento do populismo estão a ameaçar a democracia e o espírito que formou as instituições internacionais depois da II Guerra Mundial

A política internacional tem vindo a ser dominada por duas ideias: (i) Trump é o maior responsável pela turbulência que se faz sentir no mundo a nível político, económico e militar; (ii) a ideia prevalecente é que, mais tarde ou mais cedo, Trump sairá da Casa Branca e podemos regressar à Era pré-Trump. Ou seja, admite-se a reversibilidade dos acontecimentos. Os seus instintos e valores são deploráveis: a “Ilusão de Trump”!

As ilusões sobre Trump e a reversibilidade até podem ser confortáveis, mas são enganadoras. A política internacional não é estática. É cada vez mais dinâmica. Por isso, o futuro será bastante diferente do que pensamos. Todavia, os EUA não podem ser dispensados de uma função de equilíbrio que permita orientar em paz o globalismo sem governança.

Nestas circunstâncias, a UE sem Conceito Estratégico devia prestar atenção à falta de solidariedade transatlântica que fragiliza a aliança. É evidente que a capacidade de segurança e defesa europeias autónomas terão de ser uma realidade.

A UE foi sempre incapaz de criar mecanismos para uma verdadeira cooperação militar e para forçar os seus Estados membros a investir decisivamente em segurança. A NATO foi criada para justificar a presença dos EUA na Europa era essa a sua estratégia. Mas também foi uma desculpa simpática que convidou à inacção.

Perceber como se encontram soluções na Europa pode ser uma experiência essencial nesta desordem mundial. As acções unilaterais e protecção não são soluções, porque nos levam a desligar do mundo que cada vez é mais independente. Os planos para a reforma da UE exigem acção e determinação: na regulação da economia, no fortalecimento dos mercados de capitais e na construção da União Bancária e a concepção de uma política externa comum com maior integração e cooperação no âmbito da segurança e defesa. Ou seja, uma maior convergência entre economia e política.

A garantia da segurança dos cidadãos que vivem no seu território é um dos pilares e valor maior do projecto europeu consubstanciado na Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD)- prevista no Tratado de Lisboa -, que é parte integrante da Política Externa e de Segurança Comum (PESC)⁷.

As ameaças terroristas e as recentes posições assumidas pela administração americana de Trump em relação ao financiamento e funcionamento da NATO e a mudança de paradigma da Política externa dos EUA – que caminha para o caos -

⁶ Trump leva para a Casa Branca um agitador da direita radical que chegou a ser definido como “o agente mais perigoso da política americana”. Steve Bannon, é um dos nomes escolhidos por Donald Trump para ser seu conselheiro de estratégia Casa Branca. Esta nomeação causou bastante polémica no Congresso por parte dos republicanos.

⁷ A PESC, está regulada actualmente nos artigos 11º a 28º do Tratado da União Europeia (Conselho de Maastricht em 1991 onde é aprovado o Tratado da União Europeia que comprometeu os Estados Membros a um grau de integração mais forte do que o previsto no Acto Único Europeu. A PCSD cria um enquadramento para os aspectos da política da UE relativos às forças armadas e à defesa. Criada aquando da assinatura do Tratado de Lisboa, em 2009, a PCSD substitui e alarga a antiga Política Europeia de Segurança e Defesa (PESD). O objectivo da política é a criação de uma capacidade de defesa europeia comum.

deixaram claro que a UE tem que fazer mais e melhor, de forma coordenada, para garantir essa segurança que assume uma maior importância na renovação da solidariedade atlântica.

No entanto, Merkel disse que os europeus já não podem confiar nos EUA para se defenderem. Mas as Forças Armadas alemãs estão em péssima situação para não dizer degradação⁸. Uma chanceler politicamente enfraquecida, como se encontra Merkel, não tem condições nem talvez tempo para acordar a opinião pública alemã quanto ao imperativo de melhorar a capacidade de defesa, do seu país e da Europa. É mais um problema sério que a integração europeia enfrenta nesta fase de crise aguda da UE e Alemanha.

Neste contexto, o perfil do presidente Trump, traduzirá uma maior imprevisibilidade do relacionamento com outras potências e novos alinhamentos na geopolítica mundial, que poderão conduzir à pacificação ou aumento de conflitualidade, designadamente no Médio Oriente, no Norte de África e Ásia (Mar do Sul da China). Trump é um egocêntrico vaidoso que vem de um grande grupo empresarial e que está convencido que na política se resolvem as situações como nas empresas. O discurso hostil contra a imprensa é destrutante da democracia.

Ganhou as eleições em guerra com os media e agências de segurança, mas continua a ter o mesmo apoio eleitoral. E arrisca-se a ganhar as próximas eleições. Preocupante presságio que Kissinger classifica como muito grave⁹.

No complexo confronto geopolítico no Médio Oriente e no Leste da Europa existe uma crescente instabilidade regional, na qual os EUA desempenham um papel fundamental, especialmente quando permitiram recentemente a aquisição de novas armas por parte do Egipto ou acabaram por apoiar a Rússia na sua estratégia contraterrorismo. São exemplos de importantes aliados no combate ao terrorismo.

Vale a pena lembrar que de todos os actores envolvidos, somente o Irão possui uma relação hostil com Israel. Todos os outros actuam no sentido de "cooperação-tensa", onde os israelitas não têm plena confiança nos árabes, mas também não sentem que um ataque militar poderá ocorrer em qualquer momento. São por isso o Estado que mantém o mais elevado grau de prontidão das suas Forças Armada e forças de segurança.

O jogo duplo dos EUA parece permitir ganhar tempo precioso com o Irão, enquanto sustenta os seus aliados e mantém o status quo na região. Algo que parece confuso, mas que faz sentido quando analisamos com algum distanciamento.

Os EUA como actor preponderante actuando ao nível global na nova desordem mundial -Trump adaptou a sua estratégia a um isolacionismo com intervencionismo militar¹⁰ -, asseguram novas alianças¹¹, sem interferir directamente nas dinâmicas regionais.

⁸ O semanário "The Economist" forneceu alguns dados a tal respeito. Assim, menos de metade dos tanques do exército alemão funciona; dos 50 helicópteros Tiger apenas 12 voam; dos 128 aviões de combate Typhon só 39 estão operacionais; no final do ano passado, nenhum dos seis submarinos alemães estava no mar. E o número de militares tem diminuído: desde a reunificação alemã os efetivos desceram de 500 mil para 180 mil (o serviço militar obrigatório acabou na RFA em 2011).

⁹ "Financial Times"

¹⁰ Na campanha eleitoral, Trump afirmou que pretendia obter "a paz através da Força".

¹¹ Trump parece estar a ser pragmático utilizando as suas ainda poderosas Forças Armadas como factor de dissuasão e com novos aliados regionais (com elevados custos reputacionais para a imagem dos EUA) - mesmo os que financiam o terrorismo ou querem ser seus aliados para a sua prevenção e combate -, com quem consegue negociar favoravelmente aos EUA (acordo com a Arábia Saudita para fornecimento de armamento foi cerca de 350 mil milhões de dólares). Conseguiu que a China não internacionalizasse a sua

O grande objectivo dos EUA passou a ser: reforçar o aparelho militar como factor de dissuasão e não permitir que os conflitos ou confrontos geopolíticos possam sair do controlo (instabilidade controlada). E favorece o equilíbrio com o empenhamento de actores regionais no combate ao terrorismo, através de acordos bilaterais altamente favoráveis à economia dos EUA em detrimento do multilateralismo e do comércio livre mundial. Será inevitável o impacto na globalização e nos grandes blocos económicos que Trump vê como inimigos ao crescimento económico dos EUA.

Nestas circunstâncias, talvez se consiga perceber a escolha da Arábia Saudita para a sua primeira visita internacional, a sua ligação enigmática à Rússia para balancear o poderio económico da China – seu principal antagonista estratégico –, e esta para controlar os ímpetus belicistas da Coreia do Norte protegendo o Japão com o reforço das relações entre os dois gigantes da economia mundial.

A UE e ASEAN, África e América do Sul serão os principais afectados no crescimento económico. Trump aposta também no enfraquecimento do Euro em relação ao dólar e na fragmentação da UE, através do exemplo do BREXIT e reforço da relação com o Reino Unido seu antigo aliado. Os países equilibradores poderão ser o Canadá, México, França, Índia e China, com pretensões à liderança mundial preenchendo o vazio deixado pelos EUA.

Se a UE não conseguir alterar o seu paradigma económico¹² e de governança intergovernamental liderada pela Alemanha – via perigosa e não prevista nos Tratados –, com uma austeridade expansionista (ou dissimulada)¹³ sem fundamentos e destituída de lógica, que favorece o mercantilismo da Alemanha e transforma as crises financeiras em crises económicas e sociais e estas em crises políticas, que provocam as crises de segurança.

A segurança e desenvolvimento é um binómio que se complementa. Se cuidarmos da segurança e defesa, teremos condições mais favoráveis para enfrentar, gerir e superar crises.

Em síntese, a segurança e defesa não se improvisam, bem como as catástrofes, conflitos e crises não avisam. Os compromissos vão passar a ser muito mais exigentes numa UE tendente à fragmentação em que a solidariedade deixou de estar em exercício também ao nível da segurança pela inacção da liderança europeia burocrata e sem coerência com os Tratados. Com a imprevisibilidade e tipo de ameaças transnacionais, assimétricas e difusas, as missões e os requisitos de defesa exigem proceder a alterações que devam levar os decisores a concluir ter de orientar mais e melhores meios para as Forças Armadas, com um Sistema de Forças mais eficaz e exigente. Este facto não deve ser minimizado e o poder político tem de saber explicar ao País para que serve a Defesa Nacional.

5. A segurança e desenvolvimento

moeda e continua a manter negócios rentáveis nas trocas comerciais e indústria petrolífera com a Rússia a quem pretende levantar as sanções ou minimizar os seus efeitos.

¹²A Alemanha terá de abandonar a sua estratégia nacional mercantilista. Caso contrário será responsável futuro sombrio da Zona Euro e da UE. Berlim não pretende "reequilibrar" o seu modelo de crescimento. A austeridade expansionista, que favorece a política económica da Alemanha. Mas para competir com os alemães nesta área, precisamos dos meios nas margens da zona do euro, excluindo a Alemanha. Para não mencionar o investimento público, também condenado a ser comprimido, pelo Pacto Orçamental Europeu (entrou em vigor em 2013) e o Pacto de Estabilidade e Crescimento (PEC) que é um espalhão ao crescimento também pelo Pacto Fiscal.

¹³ "No esforço de consolidação das contas públicas através de um controlo da despesa".
<https://eco.pt/2016/09/22/fmi-recomenda-esforco-de-consolidacao-das-contas-publicas/>

A segurança é um factor chave de progresso, crescimento e emprego. E é em primeiro lugar o melhor instrumento para dissuadir as novas ameaças, conflitos e a guerra. A imprevisibilidade e complexidade do tipo das ameaças (militar e não militares), as missões e os requisitos de defesa exigem elevados níveis de prontidão das Forças Armadas que estão a ser comprometidos pela alienação de capacidades e efectivos sem racional credível.

A investigação tecnológica no domínio da defesa é também mobilizadora para o desenvolvimento de produtos e serviços importantes para as pessoas e para as empresas, sendo por isso um factor para o crescimento económico do país, tendo em vista o desenvolvimento sustentado.

A construção europeia deverá ter também uma visão comum, das migrações à União Económica e Monetária sendo as interligações energéticas dos grandes desafios da Europa de hoje, no âmbito da segurança energética. Neste âmbito, importa realçar as posições concertadas entre Portugal, Espanha e França o que acrescenta valor geoestratégico a estes países.

A segurança energética tornou-se estratégica para a NATO- isto devido ao facto de a maioria dos Estados Membros não serem auto-suficientes em energia com excepção dos EUA Canadá e Dinamarca e de o fornecimento de petróleo e gás pelos aliados situados no Leste europeu ser em média abastecido em 80% pela Rússia sem existir qualquer alternativa infra-estrutural de transportes aos gasodutos existentes. Outra dimensão em que a NATO poderá potencialmente ter um papel importante é no transporte energético.

6. Alteração das relações de poder

Há coisas que jamais poderemos alterar: a geografia e a história dos povos. O erro histórico do Ocidente foi ignorar a Rússia com o estatuto de potência que se quer afirmar e a geografia lhe confere ao agir pela geopolítica - a batalha pelo espaço e poder - mantendo a independência estratégica ao nível nuclear que limita a vontade de poder ilimitado de Washington o que faz prevalecer um arco de instabilidade que se estende da Europa ao Norte de África. As crises, conflitos e guerras vitimam sobretudo as populações, provocando crises migratórias complexas de gerir.

Talvez seja oportuno meditar sobre: a percepção que orienta os centros de poder estadual em crescimento (China, Irão e Índia); a dependência de matérias-primas de energias renováveis e mão-de-obra em que a Europa se encontra; na eficácia dos meios de comunicação adversos e subversivos; nos riscos das migrações e fluxos de refugiados descontrolados - que continuam a ter o mediterrâneo como cemitério - impostas pela desordem das sociedades. E finalmente a agressão armada com origem no terrorismo transnacional e pirataria naval.

O alargamento da NATO foi acompanhado pelo desmantelamento das capacidades da Rússia no teatro europeu. Os EUA e seus aliados, ávidos por maximizar o "dividendo da paz" pós-Guerra Fria e preocupados com cenários muito além da Europa, efectivamente transformaram a NATO numa zona desmilitarizada, que não representava ameaça de invasão à Rússia, mas proporcionou um grau sem precedentes de estabilidade e segurança para a Europa Central. O Kremlin parece determinado a derrubar a OM que tem sido liderada pelos EUA. Mas deveria avaliar se a alternativa é realmente o melhor para os interesses da Rússia.

Para Trump a relação mais importante a prazo é uni-multipolar numa relação com três centros de poder entre os EUA-Rússia e China, pretendendo enfraquecer o G2

(Rússia-China) e Coreia do Norte, porque a ameaça a longo prazo não está na Rússia – com quem mantém uma enigmática cumplicidade –, mas na China, apesar dos dois líderes se respeitarem mutuamente e até terem assumido um desanuviamento nas relações, depois de Trump nas eleições ter alterado os discursos de campanha – a China era vista como o principal inimigo dos EUA- e Xi Jinping ter assegurado que não internacionalizava a moeda chinesa (Renmimbi). O que passar na Índia nos próximos anos vai também ser decisivo para a nova OM.

Contudo com a actual política externa da Rússia isto será muito difícil – está a por em causa a democracia em vários países europeus – porque interessa nas eleições dos EUA e está a empregar de forma sistemática a guerra híbrida em várias regiões do planeta, principalmente nos países bálticos e do Leste europeu. E no Médio Oriente¹⁴ os aliados são o Irão, que é inimigo dos EUA que, por sua vez, tem como aliados a Arábia Saudita e Israel principais inimigos do Irão.

A desconfiança de Trump sobre o Irão está enquadrada por um plano mais amplo para o Médio Oriente que o leva à aproximação da Arábia Saudita. É o único presidente dos EUA que conheceu um chefe de estado norte-coreano; atingiu a Síria com poder aéreo para reforçar a linha vermelha de seu antecessor; ameaçou com violência outros inimigos como o Irão. E por último quer umas Forças Armadas maiores com força espacial como seu sexto ramo.

Com esta linha de acção, Trump irritou os aliados, abriu um novo caminho para a influência russa e chinesa no Médio Oriente, fortaleceu a linha dura no Irão com aplicação de novas sanções económicas¹⁵ e aumentou a hipótese de que eles retomem o programa nuclear – tudo por rasgar um acordo –, quando havia possibilidade de bloquear este programa pelas próximas duas décadas. A intenção de substituir o regime hostil por um poder mais próximo não vai acontecer porque a radicalização é evidente. Trump acusa o Irão (aliás, com razão) de financiar o terrorismo.

A retirada do acordo nuclear com o Irão¹⁶ foi um erro estratégico e diplomático. A retirada dos EUA também dá ao Irão moral elevada porque, de acordo com observadores internacionais, o Irão estava a aderir aos termos do acordo - foram os EUA que quebraram sua palavra.

¹⁴ A 9 de Julho, em Pequim, o Presidente da China, Xi Jinping, realizou o anúncio do que ele chamou de Modelo Petróleo e Gás ao Médio Oriente. O projecto, que tem como objectivo financiar um plano de reconstrução económica e recuperação industrial, o qual inclui uma cooperação nos sectores de petróleo e gás, energia nuclear e energia limpa, promete a criação de um pacote de US\$ 20 bilhões em empréstimo, e cerca de US\$ 106 bilhões em ajuda financeira. Além disso, o governo chinês irá oferecer uma ajuda financeira à Palestina no montante de US\$ 15 milhões, com o fim de apoiar seu desenvolvimento económico, e também irá dispor de US\$ 91 milhões ao Iémen, à Jordânia, ao Líbano e à Síria. Também será arquitectado um consórcio de Bancos chineses e de países árabes com um fundo que alcançará US\$ 3 bilhões. Pequim tem expandido seu interesse sobre o Médio Oriente nos últimos anos. A recente iniciativa do Governo central chinês foi a constituição da *Initiative Road and Belt* (Nova Rota da Seda). Sua proposta é investir bilhões de dólares em investimentos em infraestrutura nos Estados que compõem a antiga Rota da Seda, ligando a China à Europa. <https://jornal.ceiri.com.br/presidente-da-china-anuncia-plano-de-reconstrucao-ao-oriente-medio/?ct=t>

¹⁵Na medida mais eficaz, as sanções são o produto de esforços multilaterais para resolver preocupações de segurança global compartilhadas, claramente articuladas. Mas agora com a atitude de Trump com novas sanções unilaterais passam a ser expressões estridentes de descontentamento dos EUA isolados, muitas vezes exercidas a serviço de prioridades partidárias internas.

¹⁶ O acordo nuclear com o Irão, oficialmente chamado de Plano de Acção Integral, foi assinado pelos EUA, Irão, Reino Unido, Rússia, França, China, Alemanha e União Europeia em 2015. Em poucas palavras, o acordo restringiu a capacidade do Irão de desenvolver armas nucleares em troca de levantar algumas sanções económicas. Embora os críticos acreditem que o acordo não tenha efectivamente restringido a capacidade de fabricação de bombas do Irão, a reacção internacional ao acordo foi amplamente positiva, já que a maioria dos especialistas sentiu que isso gerou concessões tangíveis do Irão. <https://www.geopoliticalmonitor.com/in-defence-of-the-iran-nuclear-deal/>

As sanções serão um rude golpe na economia iraniana e serão penalizadas as empresas europeias¹⁷ que investiram no Irão desde o acordo. A Administração Trump usa um argumento geopolítico inspirado por sauditas e israelitas: o Irão nunca foi tão poderoso no Médio Oriente. Trata-se de impedir que venha a dominar toda a região e a riqueza petrolífera do Golfo¹⁸. A estratégia do Irão assenta na “guerra assimétrica”, com instrumentos como o Hezbollah e uma grande capacidade de provocar danos.

Os sucessos estratégicos do Irão devem-se a erros grosseiros dos seus rivais, em especial dos sauditas — na Síria, no Iémen, no Qatar ou no Líbano — que favoreceram a sua vitória na guerra síria. O outro contributo “revolucionário” para a influência do Irão foi a invasão do Iraque em 2003: destruiu um dique de contenção — Saddam Hussein — e abriu aos xiitas persas a aliança com o Iraque e a “estrada de Damasco”. A situação no Médio Oriente vai continuar a acentuar a fractura entre sunitas e xiitas tornando a situação explosiva.

Por outro lado, as relações de Trump com a Rússia não são o que parecem. Há um jogo de sombras e discursos concertados entre Trump e Putin— até com simulação de hostilização – para minimizar os efeitos da intervenção dos serviços secretos russos nas eleições americanas. O FBI terá identificado também indícios da influência de Putin na nomeação do secretário de Estado Rex Tillerson, que tem negócios com a Rússia - foi-lhe atribuída uma das maiores condecorações – em vez de Mitt Romney que não agradava a Moscovo.

Trump não é “normalizável” e tem um fascínio pela personalidade de Putin e gostaria de exercer o cargo como um autocrata. A realidade é que o mundo parece estar estranho, incerto, existindo o perigo de líderes fortes que fomentam a xenofobia, o racismo, o fanatismo, o nacionalismo e que têm uma má relação com a verdade objectiva vivendo de mentiras e factos falsos. Tudo isto personaliza Trump, que curiosamente era filho de um imigrante alemão.

Putin acredita que o “retraimento estratégico” americano e a eterna fraqueza europeia acabem por oferecer-lhe de novo um lugar de primeiro plano num mundo em que a força volta a determinar as relações internacionais. A sua Rússia é, portanto, uma potência anti-ocidental que quer “rever” a ordem internacional custe o que custar.

O editorial do *Financial Times* qualifica o encontro entre Trump e Putin, em Helsínquia, como uma “carnificina diplomática”, tendo passado mensagens perturbadoras para o mundo. Pela primeira vez – perante o seu próprio eleitorado – fez aquilo que os americanos detestam. Ou seja, querer manter boas relações com a Rússia (75% não gostam dos russos), que é percebida como o principal inimigo. Por outro lado, não aceitam a posição de subserviência de Trump perante Putin.

Não deixa de ser preocupante quando Trump afirmou na conferência de imprensa, após a cimeira com Putin, que os dois países detinham cerca de 90% do poder nuclear. A boa relação como parceria estratégica entre EUA e Rússia devia ser essencial – foi perdida grande oportunidade nos anos 90 -, mas só seria um objectivo concretizável se Trump tivesse a noção da importância da diplomacia –nas suas

¹⁷ As principais empresas com maiores investimentos no Irão são a Airbus, Total, PSA e Renault.

¹⁸ Stephen Walt, professor de Relações Internacionais em Harvard, analisou este argumento. O Irão aumentou de facto a sua influência. Mas jamais será a potência hegemónica do Golfo. Em primeiro lugar porque é etnicamente persa, não é árabe, “e nenhum país árabe apoiaria uma suzerania persa na região”. Depois, o seu potencial militar é limitado, com um orçamento militar muito inferior aos dos vizinhos árabes. Combinados, o Egipto, a Arábia Saudita, a Jordânia, os Emirados Árabes Unidos e Israel têm um orçamento de defesa cinco vezes superior ao do Irão.

diversas vertentes -, que é um instrumento da política externa, para o estabelecimento e desenvolvimento dos contactos pacíficos entre os governos de diferentes Estados.

A probabilidade da Alemanha se transformar numa potência nuclear é bastante alta. A simples ideia de uma Alemanha nuclear¹⁹ é um dos indicadores mais preocupantes da incerteza que continua a pairar sobre o futuro da Europa. As potências nucleares mantêm a ordem económica e financeira. E uma escalada atómica poderá destruir o globo.

A Alemanha que após a derrota na guerra ficou restringida no plano militar não desaprendeu. Sabe bem que ou tem cobertura militar para ser alguém - como tem tido e foi esse um dos objectivos da NATO -, ou passa a ser ninguém. O fim do mundo bipolar já ocorreu há décadas. Os EUA tentaram um mundo unipolar, o deles, a que a Alemanha se resignou sem desenvolver as medidas que se impõem pela alteração geopolítica e militar gerada pelo fim do mundo bipolar. A China reagiu determinadamente nos planos militares, diplomáticos, comerciais económicos e financeiros. A Alemanha acomodou-se ao *establishment* imposto.

Os próximos cinco anos serão decisivos na vida da UE. Os principais desafios que se apresentam certamente são importantes. No plano interno, consistem em recuperar a confiança da cidadania, colocar em ordem a nova arquitectura do euro e evitar tendências centrífugas, como a saída do Reino Unido. Em termos internacionais, enfrentar a agressividade da Rússia, desenvolver uma nova política para o Mediterrâneo e Médio Oriente e afirmar-se como parte imprescindível na administração de assuntos globais. A UE poderá ser testemunha de uma reacção necessária aos desafios mencionados ou testemunha da continuidade da marcha rumo a sua própria irrelevância em num mundo cada vez mais desordenado

7. Trump e a diplomacia

Com a globalização, a diplomacia preventiva passou a estar presente em praticamente todos os campos da actividade humana. Porém, Trump actua sozinho e não tem a noção da forma como as nações civilizadas lidam com os seus antagonismos. Isto é, não existe uma política externa coerente e credível. Há, no entanto, um padrão familiar para a política externa dos EUA de Trump - insultos e ameaças, seguido por retrocessos e uma declaração de vitória –o Trumpismo de dois passos.

Trump parece um senhor feudal que preside a uma nação multicultural na época mais globalizada da história. É uma contradição em si mesmo que ameaça por em causa a relevância americana e destruir conquistas globais recentes. Trump revela a ignorância histórica e inépcia negocial.

As razões para a postura de Trump que estão a ser especuladas são as seguintes: (i) haverá chantagem de Putin ao nível político, económico e financeiro, tendo em conta a sua personalidade e relações comerciais com as suas empresas; (ii) Trump identifica-se com Putin nesta obsessão de desestabilização e enfraquecimento do ocidente e as instituições internacionais multilaterais. Porém a Europa não está

¹⁹ Importa lembrar que a ideia não é popular na Alemanha, onde se regista ainda uma maioria que não quer largar mão do pacifismo que dominou a República Federal sobretudo nos anos de 1970 e 1980. Quando em 1982, Helmut Schmidt e, depois, Helmut Kohl tentavam convencer os alemães da necessidade da instalação de mísseis de cruzeiro com ogivas nucleares americanos na República Federal para reequilibrar os SS-20 instalados pela União Soviética na Alemanha de leste, ocorreram manifestações gigantescas. Parte dos mísseis ainda lá estão.

preparada para sobreviver com este novo paradigma e sem instituições como a ONU, UE e NATO.

Neste enquadramento, as conversações da UE com o Japão – aliado dos EUA –, quando está anunciada uma guerra comercial de consequências imprevisíveis foram importantíssimas como um novo alinhamento geoeconómico. O acordo bilateral conseguiu regular 1/3 da economia mundial. Estima-se que as exportações da UE possam crescer cerca de 13%. A China também vai acabar por assinar um acordo com a UE e prepara-se para ser a nova potencia a assumir o papel dos EUA o que se traduz numa crescente importância geoestratégica e geopolítica. Tudo isto é o resultado de reacções que o mundo está a ter perante uma nova (des) ordem mundial.

No entanto, apesar de tudo há um facto impressionante. Trump continua a manter a sua base de apoio e não se pense que é um homem derrotado internamente. A forma como está montado o sistema de comunicação ligado ao fanático e sinistro Steve Banon pode conduzir Trump a uma nova reeleição. Vai ser um fortíssimo candidato – já está em campanha eleitoral – e não parece, mas tem uma agenda. Fez promessas que está a cumprir. E não será propriamente o “*America First*” mas “*Trump First*” (45 milhões de seguidores no Twitter, dos quais 80% só lêem Trump. É um narcisista que tem obsessão pela sua figura e por sair vencedor em todas as situações mesmo que tenha de utilizar a ilusão e a ficção.

A reorganização da administração Trump – que já está com olhos nas eleições intercalares – e a alteração do rumo estratégico com uma política externa errática aumenta a incerteza e imprevisibilidade confundindo os aliados.

8. Guerra comercial e a globalização

Os debates sobre acordos de livre comércio são um tema quente. Em pleno liberalismo económico, o comércio livre tem sido defendido como a solução para o desenvolvimento de muitos países do Sul. A guerra comercial que se vislumbra vai ter forte impacto em África com forte influência da China e Rússia.

Em Davos, Trump tentou ser mais conciliatório do que geralmente se espera, esclarecendo que “*America First*” não significa uma posição isolacionista e que os EUA têm muito a dar para melhorar a economia mundial. Significa, no entanto, que quer mudar os termos do relacionamento que tem sido mantido e que avalia como “injustos” para os EUA. Na prática, esta mudança passará, entre outras medidas, por substituir os acordos regionais por acordos bilaterais.

O mesmo encontro foi usado por XI Jinping para “vender” a imagem de defensor da globalização e de aderente à ordem internacional liberal, com o intuito de facilitar a aceitação da China como potência global e desmontar receios que se acumulam sobre as suas verdadeiras intenções.

As crescentes divergências na política comercial entre os EUA, a China, a EU, Turquia e Irão são responsáveis pelo clima de guerra comercial, cuja responsabilidade não é apenas de Trump. A realidade é bem mais complexa.

Não podemos ignorar que o que está em causa é a supremacia a longo prazo. Ou seja, política comercial, o escrutínio do investimento directo estrangeiro em sectores considerados sensíveis e os direitos de propriedade intelectual. Estes factores são instrumentos-armas que os EUA utilizam para negociar.

Esta opção tem largo apoio político junto dos democratas e opinião pública dos EUA. É um interesse estratégico permanente em que os EUA procuram agora a guerra comercial, porque a sua economia é vulnerável e não voltarão a ter a hegemonia de que beneficiaram até agora. O nosso tempo será de tensão política e económica.

Até recentemente, os laços económicos entre EUA e China haviam servido como um freio efectivo para aumentar a desconfiança estratégica. Uma China menos limitada e investida em laços económicos com os EUA poderia representar um desafio substancialmente maior à política externa dos EUA com importantes desafios à segurança.

Em relação à Turquia e Irão a crise política com os EUA manifesta-se periodicamente em vários níveis de cooperação, sendo mais visível desde a aproximação da Rússia. A tensão com a Turquia é também mais complexa porque este país pertence à NATO e apoia o Irão a quem os EUA impuseram sanções económicas – vão afectar também relações com aliados²⁰ – e poderão atingir a ruptura²¹. Os EUA e a Turquia estão numa “guerra política e religiosa” com armas financeiras.

Em 2018 no Fórum Económico Asiático – Davos asiático em Boao (Ilha de Hainan) - o presidente Xi Jinping reiterou a impressão que muitos tiveram desde o fórum em Davos – a China substituiu os EUA como a força motriz da globalização. Além disso, a China oferece um novo paradigma de globalização: de forma voluntária e sem ditadura militar, que é cada vez mais utilizada pelos EUA para obter vantagens competitivas.

Na globalização dos chineses nada é imposto a ninguém, a participação dos países é voluntária, se eles decidem que é rentável. Em 2013, o Presidente Xi Jinping apresentou o conceito de a “Nova Rota do Mar da Seda” no âmbito da iniciativa *One-Way-One Road*, que visa criar um transporte, energia e comércio num Corredor entre a Ásia ea Europa, aprofundar a cooperação económica, comercial e científica e técnica entre a Ásia, a Eurásia e a Europa.

O que podemos dizer das consequências possíveis da guerra comercial de Trump? Em primeiro lugar, a macroeconomia triunfa sempre: se o investimento nacional dos EUA continuar a exceder as suas poupanças, os EUA terão de importar capital e de manter um défice comercial assinalável. Pior que isso, devido aos cortes fiscais promulgados no fim do ano passado, o défice fiscal dos EUA está a atingir novos máximos – recentemente, foi previsto que ultrapassasse 1 bilião de dólares até 2020 – o que significa que, quase certamente, o défice comercial aumentará, independentemente das consequências da guerra comercial. O único cenário em que isso não acontecerá é se Trump levar os EUA para uma recessão, fazendo os rendimentos diminuir tanto que o investimento e as importações possam cair a pique.

Se a China intervier de forma mais activa, e retaliar mais agressivamente, a alteração na balança comercial entre os EUA e a China pode ser ainda mais reduzida. A dor relativa que cada um provocará ao outro é de difícil determinação. A China tem um maior controlo sobre a sua economia, e tem procurado orientar-se para um modelo de crescimento baseado na procura interna, em vez de no investimento e

²⁰A nova tendência da América para sanções unilaterais está agora colocando em risco as relações duradouras com os aliados. Quando o governo Trump deixou o acordo com o Irão, a UE respondeu actualizando uma lei que proibia as empresas europeias de cumprir certas sanções dos EUA.

²¹ Se as autoridades turcas decidirem reagir rigorosamente às acções dos EUA, pode ser tomada a decisão sobre o encerramento da base militar em Incirlik e suspensão do uso do radar em Kurecik. Entre os problemas nas relações bilaterais, analistas citam a retirada dos militares turcos do Chipre, a falta de apoio à Turquia no mar Egeu e, acima de tudo, o apoio norte-americano ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão para criação de um Estado curdo independente

exportações. Os EUA estão simplesmente a ajudar a China a fazer o que tem estado a tentar fazer.

Os EUA são o parceiro comercial número um em 56 países, com importantes relações em toda a América do Norte, América do Sul e Europa Ocidental. Enquanto isso, a China é o principal parceiro de 124 países, dominando o comércio na Ásia, Europa Oriental, África e Austrália.

9. Conclusões

A complexidade do problema da nova OM – não representada no Conselho de Segurança (CS) da ONU - apresenta-se a quem tem de tomar decisões de cariz político. E prende-se com o facto de que a segurança deixou de ser um dado adquirido mesmo nos EUA e na Europa.

Nenhuma potência parece, de momento, estar capacitada para modelar a ordem, porque na verdade o sistema é unimultipolar e unimultilateral. Todos os Estados mantêm, a certos níveis, uma certa liberdade de agir unilateralmente, e uma certa necessidade, obrigação ou interesse em respeitar quadros multilaterais.

Até ao aparecimento de Trump a cooperação internacional foi tão forte e efectiva em todos os sectores da actividade humana, com organizações mundiais, regionais e especializadas, procurando encontrar interesses comuns que juntem povos e sociedades diferentes na procura de soluções de que todos beneficiarão.

Hoje o mundo enfrenta perigos que ultrapassam as fronteiras nacionais que afectam todos, como a questão do ambiente e das alterações climáticas que não se compadece com o isolacionismo, como pretendem os EUA.

O desafio mais importante para o futuro das democracias liberais passa por se adquirir consciência das repercussões da evolução tecnológica, da digitalização da informação e o seu uso para fins políticos por actores internos e externos. A desvalorização do conhecimento e da experiência, a desinformação, a concentração do imenso poder e riqueza num pequeno grupo de empresas e a minimização da importância do jornalismo –como factor de equilíbrio de poderes – são ameaças à liberdade.

Com Trump surge o 1º Presidente a por em causa esta OM, que com novas projecções e alinhamentos geopolíticos tende a transformar-se numa nova desordem mundial e ordenamento jurídico internacional. Porém, Trump só faz o que outros antes deles já defenderam. Só que na história nunca houve uma potência dominante a provocar uma guerra comercial. Estamos a assistir à decadência de uma época. E isso é perigoso.

As novas tipologias dos conflitos já não se resumem à tradicional guerra entre Estados, pelo crescimento do fenómeno do terrorismo transnacional. Actualmente os EUA, sozinhos ou aliados, com aprovação ou não do CS da ONU, são ainda o único poder, mas caminhamos para uma ordem multipolar. A longo prazo é previsível que o Brasil, Japão, Índia e outros façam parte dessa ordem.

Nestas circunstâncias, pode estar mundo ocidental em causa face à emergência do continente asiático. Alterando-se assim o paradigma do conflito entre blocos com o crescimento de uma oposição entre o norte e sul com o Ocidente declínio.

No que respeita às relações Sino-Europeias, importa perceber quais os recursos da UE, como um dos actores centrais, que terão à sua disposição numa relação

considerada de uma forma geral, potencialmente central nas Relações Internacionais. Mas que poderá vir a perder poder económico face aos indícios de desagregação e falta de um rumo estratégico da UE. Parece que o papel da UE na China será tanto maior quanto maior for o real interesse colocado por ambas as partes na cooperação e nas vantagens que daí advém.

Assim, a UE poderá ajudar a China a colocar em marcha as instituições, as políticas, os recursos humanos, as técnicas de gestão e todos os outros instrumentos que possibilitem à China constituir uma economia de mercado moderna e apta a concorrer no mundo global. E de acordo com Xi Jinping²², é necessário “coordenar suas posições na resposta aos desafios de segurança tradicionais e não tradicionais, para fortalecer a cooperação bilateral e multilateral”. O líder chinês também expressou sua opinião de que “os vários mecanismos para garantir a segurança são mutuamente tolerantes e harmoniosos, de modo que alguns deles complementam outros, cooperando em vez de infringir ou minar uns aos outros”. Só assim, o mundo “chegará à segurança universal e conjunta.

Face ao posicionamento e discurso desconcertante e errático de Trump, pode afirmar-se então que a UE depende em primeiro lugar, da sua própria capacidade de transformar algumas “ameaças” em desafios na cena internacional. Já a China atribui um elevado grau de importância à UE como parceiro estratégico na cena internacional, porque conta com ela para o seu próprio crescimento, sobretudo ao nível económico.

Será que o declínio do Ocidente e o desmantelamento da ordem internacional liberal liderada pelos EUA, tão desejado por Putin, e tão facilitado por Trump, serão bons para a Rússia? Esta situação obriga a Aliança Atlântica a repensar rapidamente as suas prioridades relativamente à Segurança e Defesa. E a restabelecer uma OM com maior equilíbrio de poderes.

A actual crise nas relações entre o Ocidente/NATO e a Rússia são um momento definidor de um novo relacionamento entre todos os actores políticos do espaço euro-atlântico e constitui o mais importante desafio estratégico das últimas décadas, cuja resposta não pode ser meramente política. A guerra não é só a política por outros meios. Guerra é caos e sofrimento. A alteração do paradigma da confrontação pela confiança e convergência é um desafio para os estadistas.

A conjugação da arrogância e mistificação de Trump com ignorância e incompetência evidenciada é explosiva na nova desordem mundial crescente. A demonstrada substituição, na crise económica e financeira, dos centros de poder legitimados e impotentes por centros desconhecidos, mas com poder, tornaram inadiável que os organismos aos quais no fim da II Guerra Mundial foi entregue a defesa da OM sejam reformulados.

²² <https://dinamicaglobal.wordpress.com/2018/04/28/china-expulsa-os-eua-do-mundo-global-como-a-china-domina-no-comercio-global/>